

Arquitetura Colonial de São Luís do Maranhão

Barboza Leite

IBGE/CEDIT

São Luís do Maranhão é uma das cidades do norte brasileiro onde ainda são encontrados numerosos testemunhos do que foi a nossa economia entre os séculos XVII e XIX.

São relíquias que ainda se impõem, sobretudo na paisagem de uma cidade que soube aliar o progresso material ao cultural, tornando-se famosa pelo designativo de Atenas brasileira. Basta dizer-se que, no início do século XIX, era considerada a quarta cidade do Brasil, atingindo o seu apogeu por volta de 1850. O seu declínio seria dali em diante em decorrência de transformações que, para as regiões adjacentes, iam transferindo novas possibilidades de desenvolvimento.

O que avulta na paisagem de São Luís, pela interferência do braço humano, é uma prodigiosa arquitetura originada em Portugal e que, ali, assumiu uma inesperada desenvoltura. Os prédios e as ruas

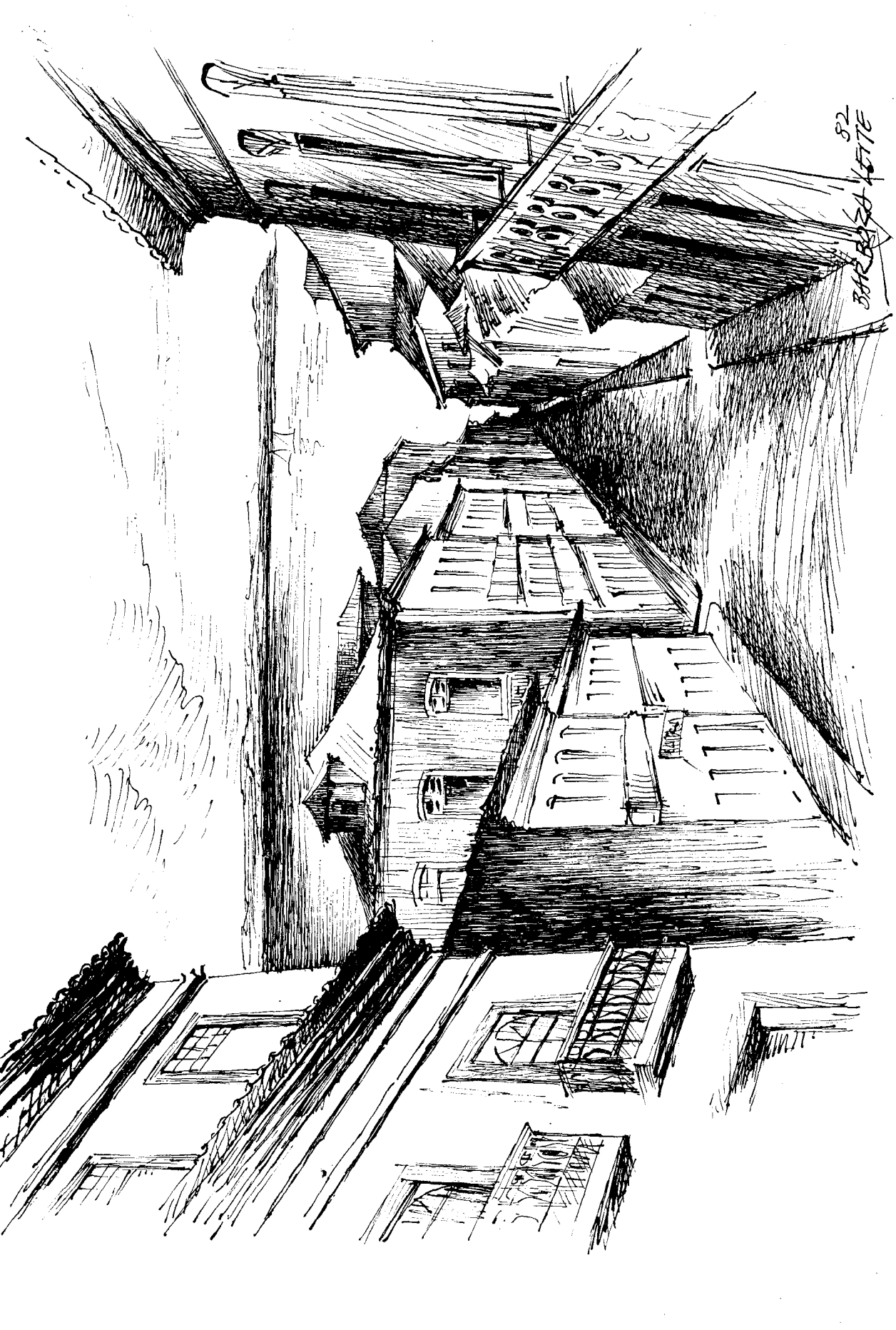
ainda hoje se dispõem como espaços preenchidos por um harmônico conjunto de fatores. A luz equatorial e sob os verdes amazônicos, uma soma se fez de argila, pedra e cal, régua e compasso, e mais um raciocínio que sabia aproveitar, das contingências encontradas, o que a própria natureza intuía.

Reluzia São Luís, então, em suas paredes azulejadas, o brilho vítreo da cerâmica portuguesa, comendo o encanto do bairro do Desterro, por exemplo, onde a beleza antiga permanece no rendilhado variado das sacadas; nos beirais audaciosos que avançam das paredes, num elegante arremedo de vôo; no traço, enfim, dos mestres-de-obra lusitanos, de tal forma engenhosos e sentimentais ao ponto de reconstituírem, na cidade brasileira, os pitorescos aspectos deixados em sua pátria.

A influência da arquitetura portuguesa é a mais sentida nas construções de São Luís, como aconte-

ceu, também, em outras cidades brasileiras que atingiram o seu apogeu no período colonial. Ali, como prolongamento da Praia Grande, o bairro do Desterro se constitui de várias dezenas de quarteirões, compreendendo perto de mil edificações construídas entre os séculos XVII e XIX, que testemunham, inclusive, a riqueza desenvolvida através do algodão e

do açúcar, e revelam o comportamento da sociedade de então, caracterizando os seus hábitos e costumes. Nas ruas alongadas os sobradões resistem até hoje, imponentes e sólidos, enquanto os mirantes de telhados que os séculos enegreceram, recortam o céu e, como vigias insones, traduzem um tempo que se extinguiu, sem deixarem a memória adormecer.



92
BORIS KOTTE